

INSTITUTO  
 Documentação  
 SOCIOAMBIENTAL  
 Fonte Acritica  
 Data 11/8/99 Pg C3  
 Class. 337

CATADORES DE LATAS

# Índios buscam sobrevivência no lixo

GERSON SEVERO  
 ENVIADO ESPECIAL

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM – A situação dos povos indígenas do Alto Rio Negro é preocupante. Enquanto perdem sua cultura em virtude do contato com a chamada sociedade envolvente, eles lutam de todas as formas buscando alternativas econômicas para sobreviver na cidade. No Município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), onde a população indígena chega a 95% dos 45 mil habitantes, a luta pela sobrevivência chegou à lixeira como acontece em grandes cidades.

**LIXEIRA DO MUNICÍPIO É VISITADA TODOS OS DIAS POR INDÍGENAS, EM BUSCA DE ALUMÍNIO PARA A VENDA**

Localizado na margem da estrada Cá-Manaus, a lixeira é frequentada diariamente por índios catadores de latas de alumínio. O quilo do produto é vendido a R\$ 0,50 a um atravessador conhecido apenas pelo apelido de Azul, que revende para uma fábrica de reciclagem localizada em Manaus.

Membro da etnia Uanana - habitantes do rio Uapés - São Ismael, 20, conta que deixou sua aldeia há dez anos para estudar em Gabriel (como os habitantes preferem chamar o Município). Após servir o Exército, ele não conseguiu emprego e hoje vive



**RECICLAGEM**

As latinhas recolhidas do lixo são vendidas a R\$ 0,50 a um atravessador que as traz para Manaus

numa comunidade localizada no km 7 da estrada Cá-Manaus.

Catando latas de alumínio para reciclagem na lixeira, Ismael conta que já chegou a faturar R\$ 100 em uma semana, mas no geral a renda é pequena e não compensa a exposição a doenças e perigos que rondam a lixeira. “É difícil tirar um bom dinheiro. Isso só acontece em tempo de festa, quando as pes-

soas consomem mais refrigerantes e cervejas”, explicou.

Colega de coleta e vizinho de Ismael, o tucano Francisco Viana, 36, conta que o faturamento normal é de, no máximo, R\$ 100 por mês e é com isso que ele tem de sustentar sua família, formada pela mulher e mais seis filhos. “Tudo que ganho serve para comprar o rancho, que é reforçado pela horta mantida

pela mulher no fundo do quintal”, disse.

Catando latas na lixeira, eles não usam qualquer tipo de proteção e muitas vezes fazem o trabalho apenas com um sandália comum, ficando sujeitos a cortes e infecções.

Apesar de encontrarem restos de comidas na lixeira, eles garantem que não pegam nada, limitando-se a catar as latinhas.

## Tradições esquecidas

Preocupados com a perda quase que definitiva das tradições e da própria cultura de várias etnias existentes em São Gabriel da Cachoeira, um grupo de professores indígenas fundou a Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro.

O objetivo da nova entidade é fazer com que todas as comunidades tenham sua própria escola e, ao mesmo tempo, possam aprender os conteúdos com material didático e de apoio em edição bilíngüe. “É importante isso para que as tradições e a cultura permaneçam vivas, mas é um trabalho difícil porque muitos estudantes não gostam de ser índios”, revelou o representante da associação, o tucano Juscelino Pereira Azevedo, 32. “Outro dia mesmo eu perguntei para uma turma quem era índio aqui e ninguém levantou a mão. Mas a sala estava repleta de baniuas, tarianos, macus, tucanos e dessanas”, completou.

Formada por 250 professores, que trabalham em boa parte das mais de 400 comunidades de São Gabriel, a associação quer que o apoio prestado pelos órgãos do governo não apareçam apenas nos momentos de campanha, como, segundo Juscelino, tem sido a prática. Ele avalia que o trabalho desenvolvido pelos professores indígenas está num nível regular, mas no passado foi muito melhor. “Existem comunidades que não têm escolas e os estudantes precisam se deslocar para outras localidades. Falta dinheiro e até mesmo o professor”, disse.

Alberto César Araújo